

DRAPTOMANIA, A DOENÇA MODERNA DA CONDIÇÃO HUMANA. SINTOMAS: LIBERDADE E IGUALDADE.

Martín Mezza.¹

Resumo: O artigo tem como finalidade percorrer analiticamente o movimento universalizante, homogeneizante e opressivo em que nasceu a sociedade moderna. Parte-se da invasão europeia e da escravidão dos negros e índios da América Latina, para continuar com os efeitos que o mesmo movimento causou no próprio território europeu. Assim, se desenvolve e articula as consequências para o mundo todo, dessa visão etnocêntrica que instalou uma particular moral e uma determinada consciência capaz de engendrar a estrutura do poder que fez possível escravizar e matar na América e África, tanto como marginalizar e excluir na Europa. Essa estrutura de poder e opressão, junto com seus valores de liberdade e igualdade, continuam sendo analisados no discurso científico da saúde mental. Para isto, se toma a passagem da experiência da loucura (semrazão) da época clássica, as categorias da psiquiatria positivista do século XIX. Então, o estudo histórico da Draptomania nos permite ressaltar o poder que sustenta o pensamento racionalista e seu efeito de alienação da consciência, ao mesmo tempo que destaca a consciência negra como um instrumento simbólico da América Latina, capaz de interrogar os atuais discursos opressores e dominantes – os *trabalhados progressos científicos da psiquiatria e da psicologia atual* – e criar ou restituir os próprios sentidos e identidades.

Palavras-chaves: Liberdade; Igualdade; Consciência Negra; Loucura; Dominação.

INTRODUÇÃO

A América está envolvida, particularmente, na história da humanidade. O descobrimento² do novo mundo, em 1492, é um acontecimento histórico (entre eles, se contam, também, a invasão turca de Constantinopla em 1453, e a Reforma

¹ Licenciado em Psicologia pela UBA (Universidade de Buenos Aires). Mestrando de Saúde Mental Comunitária, UNLa. Psicanalista, membro da Apertura (instituição psicanalítica argentina). Pesquisador. Bolsita 2012 do Ministério de Saúde Argentina. Professor da Faculdade de Medicina, UBA, Argentina. Co-coordenador da área de Saúde Mental Osplad. mezzamartin@yahoo.com.ar

² Não pode-se deixar sem menção a utilização do mesmo termo para significar a colonização da América e os avanços da ciência.

Protestante, em 1517) que se associa ao começo da terceira etapa da história do Ocidente: a idade moderna. Época que está caracterizada pela integração do velho e do novo continente, mesmo que seja preciso dizer, pela dominação do velho continente sobre o novo³. Os primeiros europeus a chegar no solo brasileiro (1500) foram os portugueses, mas não vieram sozinhos. Trouxeram com eles escravos: negros africanos que, através do castigo e das torturas, eram obrigados ao trabalho forçoso nas plantações de cana de açúcar, principal riqueza da colônia. Assim, o começo da modernidade, e com ela o do novo mundo (América), liga descobrimento e dominação, expansão e fechamento.

A psiquiatria do século XIX, que é o pilar da psiquiatria de hoje, funda seu conhecimento cientista sobre a base desta estrutura social do poder. A draptomania, enquanto patologia que se manifesta pelos sintomas que se desenham sobre os valores restritos da liberdade e da igualdade, é a representação mais fiel desta situação. A prolongada e contínua resistência do povo negro, que sintetiza a figura de Zumbi dos Palmares, pariu uma outra consciência (negra), que tem sua data de celebração no dia da morte do cacique dos Palmares, 20 de novembro de 1695, e que, como símbolo de luta e resistência, habilita a historicizar e a interrogar as antigas e recentes técnicas de alienação, dominação e opressão.

CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE - ESCRAVIDÃO E INTERNAMENTO.

Em menos de um século, a invasão, o domínio, e o racismo eurobranco, tinham-se confundido – *misturado* - o suficiente como para apropriar-se (roubar) das terras e das suas riquezas, tanto como para submeter a cultura nativa: milhões de índios e negros mortos pela mão branca, outros tantos, apenas, caçados e afastados de suas origens e obrigados ao trabalho forçado e cruel, ao tempo que, concomitantemente, lhes impunham outra cultura. Desta forma, a escravidão terminou por se converter em um fato natural da vida do novo continente. O mundo era assim: os negros, filhos de negros, eram escravos e tinham que trabalhar nas minas e nas plantações de cana de açúcar ao compasso do chicote, devido à sua

³ Situação que continua até hoje pela intermediação de outros instrumentos, mas com os mesmos preconceitos e sentimentos de desprezo de sempre.

herança genética e à biologia, por que a ordem do mundo, o destino do universo, e a vontade divina, deste modo mandavam. Não pela história da humanidade, o projeto desmedido, imoral, racista e cruel da expansão europeia, nem pela barbárie branca. Mas, contudo, havia negros que se negavam a aceitar esta ordem universal, natural, branca e divina, fugindo das fazendas⁴ e logrando sortear a morte – *o castigo lógico para o desacato às regras do universo, e própria da mão moral e disciplinadora do homem branco* – encontrando refúgio no interior do país onde as montanhas e a mata serviam como proteção. Estes lugares, que se denominaram Quilombos⁵, constiuíam-se em verdadeiros campos de iniciação na liberdade, e representaram, durante muito tempo, centros de resistência à colônia. O mais importante deles foi o Quilombo dos Palmares, que remonta ao período de 1580, onde pequenos acampamentos de negros livres, ascentaram-se na Serra da Barriga, a oeste da região de Pernambuco. Essas comunidades autônomas e dedicadas à agricultura, como também, à liberdade, resistiram pequenas até se incrementar ostensivamente em número, no ano de 1630. Tal situação deve-se ao fato dos escravos conseguirem fugir pelo Nordeste do Brasil, aproveitando a luta entre portugueses e holandeses.

O símbolo da resistência negra, Zumbi dos Palmares⁶, nasceu em 1655, um ano após a expulsão dos holandeses do Nordeste Brasileiro, e em plena expansão do Quilombo dos Palmares que, não só estava alcançando sua máxima extensão territorial (desde o sul do atual Estado de Pernambuco, até o norte de Alagoas),

⁴ É preciso dizer que fugiam da escravidão e do trabalho forçoso, que era uma e a mesma coisa, e não do trabalho esforçado; já que isto foi interpretado e transmitido pelo preconceito racista, como que os negros e os índios são vadios e não gostam do trabalho. Ideias que, ainda hoje, alimentam certas pessoas que não querem aceitar, ou preferem olhar para outro lado. A história diz que, mesmo no século XXI, continuam existindo condições de submissão e exploração em muitos trabalhos e atividades humanas. Dessa forma, continuam sem ver que são essas as condições que tornam difícil, ou impossível, a realização regular de determinados trabalhos, e não como preferem pensar, pelas características pessoais de certos grupos sociais.

⁵ No idioma espanhol, quilombo quer dizer caos, desordem, degradação que se associa a má conduta; mas, na África, no idioma Banto, significa campo de iniciação.

⁶ Zumbi nasceu livre em Palmares, foi capturado de menino, escravizado, para fugir aos quinze anos de idade e retornar à Palmares, onde liderou o mocambo que lhe deu seu nome: Os Palmares. Zumbi destacou-se, ainda jovem, por sua capacidade de liderança. Em 1675 conseguiu recuperar um mocambo em um ataque das tropas portuguesas para, depois da morte de Ganga Zumba, pelo veneno da traição, liderar até a sua morte, o reino dos Palmares.

senão que mudava em número e estrutura os diversos mocambos⁷ que o constiuam, como também, as formas de vida que se desenvolviam neles. Já não se dedicavam, tão somente, à agricultura e à resistência, através da proteção do território de complicado acesso, mas passaram a desenvolver a criação de gados e o comércio, tanto para incrementar as incursões dos quilombolas nas fazendas em busca de liberar escravos, como para conseguir armas.

Ao mesmo tempo que essa história de opressão e dominação se dava no Brasil, e em toda América Latina, no velho mundo não era diferente. A dominação não tinha limites e não reconhecia as fronteiras. Pelo contrario: as instituia segundo a vontade do poder reinante. Na metade do século XVII, a crise econômica (desemprego, escassez de recursos, redução do salário, etc) se expandia desde a Espanha a toda Europa, aumentando a miséria, e, com ela, os pobres e os vagabundos. Nas ruas misturavam-se os excluídos sociais: pobres, prostitutas, delinquentes e loucos. Todos miseráveis da modernidade, abandonados pela misericórdia divina que, na idade média, exaltava a caridade, ao mesmo tempo que elevava a alma dos cristãos - *que acolhiam os pobres com o temor de negar comida e ajuda ao mesmo Jesus escondido naquelas roupas velhas e sujas* -, e que, dessacralizados pelo calor da crise, foram recebidos pela moral burguesa da Europa. Moral que não admitia caridade sem castigo, e que acumulava todas essas pessoas pela afinidade que aportava a ociosidade, inimiga eterna do insipiente mundo do trabalho, e que os converteu em uma ameaça para a sociedade e para a ordem dos Estados. A racionalidade moderna encontrou no louco, mais que em outras formas sociais, o que ela mesma renunciava: a liberdade. Valor que o louco levava ao absoluto, ao raciocinar sem “regras”, e ao pensar sem “ordem”, espalhando um perigo que só era conjurável pela instituição do internamento. Essa racionalidade desabrochava da mesma moral que, tendo a voracidade como sua contraface, castigou, escravizou e roubou dos negros e índios os recursos da América. Roubo que, sem dúvidas, ajudou a sobrelevar a crise econômica europeia

⁷ Os mocambos cresceram, se fortificaram, enquanto se preparavam para a resistência e a luta. O principal deles era o mocambo Macaco, onde morava Ganga Zumba, mas tinha outros de relativa impotência, como os mocambos de Amaro, Sucupira, Tabocas, Zumbi, Osenga, Acotirene, Danbrapanga, Sabalangá e Andalaquituche, entre outros.

do século XVII, mas não gerou possibilidades para os mais necessitados, senão o contrário: serviu para construir inúmeros Hospitais Gerais⁸. Verdadeiros lugares de marginalização e exclusão, onde se reclusa tudo o que não se gostava de ver. Não com a finalidade de curar ou recuperar, muito menos de cuidá-los, mas, para condená-los e castigá-los por suas "imperfeições", aquelas que faziam impossível compartilhar o mesmo espaço social. Desta maneira, os internados nos Hospitais Gerais de Paris, no século XVII, ascendiam na proporção de um, em cada cem cidadãos, sobrevivendo em condições deploráveis de higiene, alimentação e saúde - *nada diferente ao tratamento que se dava aos escravos nas colônias* - situação justificada pela condição "inferior" de humanidade que tinham adquirido.

Como se fosse uma ironia do destino, que une o velho e o novo continente, esta realidade de opressão foi regulamentada em Paris, só um ano depois do nascimento de Zumbi. Em 27 de abril de 1656, o decreto do Rei⁹ mandava reorganizar todos os estabelecimentos existentes de internação, além da construção de outros, em cada cidade, convertendo-os em uma estrutura semi-jurídica, que julgava e executava sem precisar dos tribunais, ou dos outros poderes, até esse momento criados para intermediar a vida social. Por meio de uma administração única, se nomeava os diretores dos hospitais, personalidades da burguesia, destacadas por suas qualidades morais, aos que se lhes outorgava o poder absoluto, não só sobre a administração da instituição, mas sobre a cura e correção (poder policial) dos cidadãos da jurisdição. Assim, o poder monárquico e religioso, junto com a potente burguesia, começava a desenhar e a traçar a nova ordem do mundo: opressão nas colônias¹⁰ da América e da África, e a marginalização nos hospitais gerais da Europa. Fora daquele continente, escravos. Dentro, internados.

⁸ Foi a Inglaterra quem inaugurou, inicialmente, esta forma de isolamento e clausura. Em 1575 Isabe I ordenou a construção de "Houses of correction". Logo, em 1620, foi criado o primeiro correccional da Alemanha, o "Zuchthäusern", e, assim, continuou por toda Europa: em 1667, Basilea; 1668, Breslau; 1684, Francfort; 1684, Sapndau; 1701, Leipzig; etc.

⁹ O procedimento mais utilizado para internar uma pessoa era a carta da ordem do Rei. A família em primeiro lugar, mas, também, os vizinhos, médicos, e os padres das paróquias podiam solicitar a internação ao Rei. Este, por sua vez, assinava uma carta que era encaminhada ao ministro para que aquele pudesse efetuar a intenação.

¹⁰ Na Argentina e no Brasil alguns manicômios foram nomeados como colônias. A título de exemplos: a Colônia Monte de Oca, localizada a 80 km a oeste da cidade de Buenos Aires, criada em junho de 1906, e a antiga Colônia Juliano Moreira, situada em Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro, que foi inaugurada como instituição psiquiátrica em 29 de março de 1924, e que dos anos 20 aos 80,

CONS-CIÊNCIA CONTÍNUA A DOMINAÇÃO

A moral que inaugurou a modernidade e se desenvolveu em todo o mundo, escravizando ou oprimindo, reuniu no Hospital Geral (casa tanto de intermamento para o recolhimento, como para o castigo) pobre, mendigo, desempregado, libertino, louco e qualquer outro rosto da ociosidade, que se constituía no pior inimigo da organização e da ordem dada pela exigência do trabalho. A loucura já não tinha a liberdade que soube ter na idade média. A pureza da nova sociedade não tinha lugar nem espaço para ela, como, tampouco, o tinha para qualquer outra forma de diversidade. Sobre esta experiência, da *semrazão*¹¹, é que se edificou o nosso conhecimento médico científico da loucura. Ela, a loucura, primero foi objeto da exclusão, e, só depois de morar na uniformidade da marginalização, é que se converteu em objeto do conhecimento. Objeto da nova psiquiatria do século XIX que, mediante um saber cheio de positividade, se adjudicou – *ao menos assim o pretendeu* – a liberação do louco¹². Liberação que não constituiu em levar o louco ao espaço público, nem em outorgar-lhe a condição de sujeito, senão, por meio da condição de objeto do conhecimento da psiquiatria, se tentou afastá-lo, apenas um pouco, dos determinantes e das inúmeras formas da *semrazão*, para ajustá-lo ou adaptá-lo aos preceitos da patologia. O louco recupera, assim, o reconhecimento da sua particularidade e individualidade que teve antes da experiência da *semrazão*.

funcionava como destino final para pacientes considerados irrecuperáveis. Chegando na década de 60 a abrigar cerca de 5.000 pessoas.

¹¹ Nome dado por Foucault à etapa clássica e intermediária da experiência da loucura. Com essa nomeação pretendeu marcar a discontinuidade com o passado e o futuro da relação entre sociedade e loucura. A *semrazão*, fruto do império da racionalidade, tirou o louco da sua individualidade errante e inofensiva da idade média, para reuni-lo e confundi-lo com outras formas de desordem e perigo social do início da modernidade. A psiquiatria do século XIX, se bem lhe devolverá sua individualidade ou particularidade ao separá-lo dessa variedade de formas sociais, o fará sobre a base da exclusão.

¹² O mito inaugural da psiquiatria moderna que tem Pinel como o herói que conseguiu quebrar as correntes e, desta maneira, liberar os loucos. Significou a quebra das amarras que mantêm os alienados no mesmo espaço, e de qualquer outra forma de ociosidade. Os liberou de uma experiência de *semrazão*, para levá-los a outro espaço de reclusão: a doença mental. Foucault traz um fato histórico para representar esse momento: em 1808 o filantropo da loucura, Royer-Collard, tenta expulsar o Marquês de Sade de seu internamento na casa de Charenton, pois pretendia construir um hospital para assistir aos alienados. A imoralidade sadiana, como qualquer outra, já não era própria de se misturar com a particularidade da doença mental.

Contudo, a marca da época clássica não se apagará, será transmitida como herança, e, mesmo que alterada e transformada, condicionará o avanço do conhecimento científico. Assim, o louco continuará afastado e isolado do conjunto social, mas, agora, com a “honra” da ciência médica. Já não se falará mais do louco, mas sim do doente mental. A loucura dará passagem às claras e objetivas categorias que representam a doença mental. Representações que se limitaram a reconhecer e a denunciar as diferentes formas em que a loucura pode se desenvolver, mas sem explicar o que ela é.

Então, no século XIX se unificaram as diferentes consciências da loucura que, durante o classicismo, permaneceram separadas.¹³ A consciência médica que se atribuiu o direito de operar com os sintomas – *estabelecer quadros psicopatológicos* - e dominar as causas da doença, na intenção, sempre falida e assintótica, de obter a cura, se assentou sobre a consciência prática que excluiu e afastou o louco, conforme uma determinada concepção de ordem social. Deste modo, quase trinta anos após a independência do Brasil, em 1851, a psiquiatria norte-americana, através do “olho clínico” do Dr. Samuel A. Cartwright, “descobriu” uma nova desordem médica. Ou melhor: uma nova doença cristalizada no poder do diagnóstico, a draptomania¹⁴. Esta “doença” que, enquanto praga seletiva, atingia, exclusivamente, os escravos negros, se caracterizava pela vontade irrefreável de fugir da escravidão. Esse desejo, adjetivado de irresistível, não era efeito de uma ordem social, de um posicionamento perante às circunstâncias da vida, nem de uma resistência diante de tanta crueldade, e, muito menos, um direito. Significava uma confusão psicológica provocada por um “preciso” mecanismo patológico. Consoante tal ideia, o negro não era um oprimido e um explorado. Passava a ser um doente que a escravidão, através do trabalho forçado e das privações, tentava corrigir ou curar. Além disso, experimentava um impulso anti-natural e patológico de fugir para viver em liberdade, raciocinando mal e perigosamente ao pretender a igualdade da

¹³ Foucault menciona quatro consciências. Por um lado, a consciência crítica e a prática da loucura, que a denuncia e prende. Por outro, a consciência enunciativa e analítica, que a qualifica e objetiva.

¹⁴ Termo que vem do grego e se forma pela junção de drapetes (fugitivo - escravo) e mania (loucura), permitindo apreciar a unificação da ordem social e do discurso médico.

condição humana. A cor da pele, a diversidade e a tentativa de igualdade, ganhava, assim, mais uma doença.¹⁵

Portanto, o tradicional poder que sustentou o pensamento racionalista para dominar os comportamentos e os seres humanos que não respondiam aos critérios da “civilização”, produziu mais uma forma sutil de dominação: a especialização do poder, que pode-se chamar alienação da consciência. Esta, consistia em converter em doença todo modo de vínculo humano que não correspondesse à ordem social dominante. Objetivação individual que naturaliza e estigmatiza as relações subjetivas com base nos processos históricos e sociais. Esta situação, apesar do seu caráter histórico, não é do passado. Nele se inscreve, mas seus efeitos perduram até dias vigentes. Os presuntos e ilusórios progressos científicos da psiquiatria e da psicologia atual, ao estarem, epistemologicamente assentados nestas estruturas sociais, não conseguiram nos liberar do que eles ajudaram a produzir. Há inúmeros exemplos. Recentemente, em 1994 e sem nenhuma prova científica – *como na época em que foi incorporada* – a homossexualidade foi retirada do DSM IV (manual norteamericano de doenças psiquiátricas) e, assim, deixada de ser considerada como uma anormalidade. O diagnóstico popularizado nos EEUU, na década de 80, como a desordem de oposição desafiante, caracterizado por um comportamento hostil, negativo e desafiante, que incluía signos tais como: discutir frequentemente com os pais ou com adultos, e a ativa negativa de cumprir as normas impostas pelos adultos. Ao mesmo tempo, as fobias aumentaram acompanhadas da diminuição do umbral diagnóstico. Desta forma, se construiu um quadro psicopatológico, ou de transtorno mental, como a fobia social que, antigamente, não passava de uma característica, até transitória, da personalidade um pouco tímida e retraída. Hoje já não temos mais medos, e, se os temos, é na medida em que são considerados transtornos mentais (medo à morte: tanatofobia; medo aos cachorros: cinofobia; medo ao trabalho: ergofobia; medo ao medo: fobofobia, etc.). Ao mesmo tempo, se vai-se muito à academia, pode-se padecer de vigorexia. O diagnóstico de déficit de

¹⁵ O mesmo médico que cunhou a draptomania, também encontrou a *Disaesthesia Etiopis* (que consistia em quebrar e destruir tudo sem respeitar a propriedade privada), e o retardo do pensamento. Do mesmo jeito, o Dr. Benjamín Rush, em 1797, propôs que a “negritude” era uma doença da pele que se derivava da lepra, chegando até o absurdo de pensar que as manchas brancas eram signos de um processo de cura.

atenção, é cada dia mais frequente em todo o mundo. Assim, inúmeros meninos são estigmatizados e, simultaneamente, medicados com Ritalina. Convém lembrar, o fato de que este último representa um fármaco – *droga* – e que, por sua vez, foi descoberto pela indústria farmacêutica antes que a doença existisse. Então, medo, alegria desmedida, tristeza, comportamentos compulsivos ou vícios persistentes, atitudes desafiantes e hostis, falta de atenção, distração e hiperatividade, angústia, e compulsão aos esportes, entre outras, encontram-se incluídas no processo de patologização e de medicalização da vida cotidiana, que se suporta em dimensões políticas, sociais e econômicas, respectivamente.

Estas e outras categorias cheias de prestígio científico – *puxado do paradigma neurocognitivo* - reunidas na charmosa frase “as novas doenças psíquicas”, que multiplicam-se dia a dia, e que, quase sempre são bem anunciadas para a sociedade com o ostensivo título de “os novos descobrimentos da ciência” – *já refletimos sobre a implicância histórica do termo descobrimento* –, constroem-se nos mesmos lugares, com as mesmas inconsistências epistemológicas e metodológicas, e com a mesma lógica de poder de sempre. Deste modo, se espalham por todo ocidente, sendo utilizadas por diferentes culturas e sociedades na hora de abordar, mas não no momento de compreender, as múltiplas realidades existentes.

Por isso, ainda hoje, faz-se necessário a formação de uma outra consciência que possibilite a construção do conhecimento e a interpretação da vida. A consciência negra possui uma longa história de resistência e luta contra os poderes dominantes e opressores - *e é, justamente, o seu avesso* - que permite que se disponibilize um saber que fale desde outro lugar sobre as desigualdades e as diferenças. Como os quilombos de então quebravam a hegemonia dos impérios, outorgando sentido e dignidade a uma tentativa de fuga - *cujo perigo era a morte ou a doença mental* - que, desesperada, procurava sair de uma alienação total; atualmente, imersos na invasão e na total hegemonia das categorias da psiquiatria norteamericana, é preciso que se resgate os sentidos (conceituais e práticos) da importância de se constituir quilombos, para não continuar sem querer o gesto da dominação. Uma estratégia muito utilizada pelas organizações sociais de todo o

mundo, envolvidas nas reivindicações sócio-históricas e na produção de novas versões da realidade, é a inversão do sentido ou da significação. Se mantivermos a ideia de que os extravios do pensamento podem converter-se em doença, mas acrescentando que não necessitam de causas genéticas, biológicas, ou fenotípicas, senão que podem depender de complexos processos históricos, sociais e culturais; pode-se pensar que a draptomania é mesmo uma doença do pensamento. Exclusivamente, se trata de uma doença do pensamento que domina e oprime, utilizando as bases positivas e biológicas para justificar os preconceitos de uma determinada cultura ou grupo social. Pensando desta maneira, e só assim, até se poderia entender que lhe corresponderia abrir um imaginário manual latinoamericano de sofrimentos psíquicos.

Bibliografía

American Psychiatric Association (1994). **Manual Diagnóstico y Estadístico de los Trastornos Mentales**. Recuperado el 1 de agosto de 2011

Bauman, Z. (2003) **Comunidade. A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Bauman, Z. (2005) **Modernidad y ambivalencia**. Buenos Aires: Anthropos Editorial.

Bauman, Z. (2009). **Modernidad Liquida**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

Foucault, M (2002) **Las palabras y las cosas**. Una arqueología de las ciencias humanas. Buenos Aires: Siglo veintiuno editores.

Foucault, M. (2006) **El nacimiento de la clínica. Una arqueología de la mirada médica.** Buenos Aires: Siglo XXI Editores.

Foucault, M. (2009) **Historia de la Locura en la época clásica.** Bs. As: Fondo de cultura económica.

Galeano, E. (1999). **De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso. Tradução de Sergio Faraco.** Porto Alegre:L&PM.

Mattoso, Kátia de Queirós. (1982). **Ser escravo no Brasil.** São Paulo: Brasiliense.

Mc Dermontt, I. y O´connor, J. (1996) **PNL para la salud.** Barcelona: Urano. Edición original: NLP and Hear Erickson. Londres.

Moura, Clóvis. (1980). **Os quilombos e a rebelião negra.** São Paulo: Brasiliense.

Reis, João José; Gomes, Flávio dos Santos (org.). (1996). **Liberdade por um fio. História dos quilombos no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras.

Saurí, J. (1969) _Historia de las ideas psiquiátricas. Buenos Aires.

Siqueira,J.J. (2006). **Entre Orfeu e Xangô. A emergência de uma nova consciência sobre a questão do negro no Brasil 1944/1968.** Rio de Janeiro: Pallas.